

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Meu caro Guilherme Oliveira Martins, Senhor Professor Marçal Grilo, agradeço ao Centro Nacional de Cultura e à Fundação Calouste Gulbenkian a oportunidade de estar aqui para saudar e homenagear Eduardo Lourenço.

«Não posso mais ouvir falar desse senhor chamado Lourenço», teria dito ontem o próprio. Frase a ler com cuidado, porque, sob a aparente auto-provocação pode estar oculta aquela fina mordacidade ou aquela devastadora ironia que é um dos aspectos menos estudados da obra de Eduardo Lourenço, mas que é dos mais distintos. Porque demasiado sabe Eduardo Lourenço que os portugueses se fartam depressa dos seus entusiasmos, sobretudo os intelectuais, e que houve sempre um dia em que alguém se fartou de Camões, de Camilo, de Eça, de Pessoa, depois de os ter posto nos píncaros. Ao dizer o que dizia, Eduardo Lourenço conseguiu ser o primeiro, em sede própria, a dizê-lo, antes que outros o viessem dizer com menos boa intenção. Eduardo Lourenço antecipou-se à ressaca, talvez espantado ele próprio pelo muito que o têm deixado durar em Portugal há cerca de 30 anos, talvez por ele não viver em Portugal. Mas se nesse período, e sobretudo nos últimos anos, não há festa nem festança onde não apareça a Dona Constança — é verdade que muito mais em velórios ou missas do sétimo dia do que em festas com foguetes —, Eduardo Lourenço viveu mais de meio século, convém não esquecer, silenciado e esquecido. Silenciado e esquecido no seu exílio de Vence. Lembro-me, aí por 1975-76, de uma pessoa amiga me ter pedido que lhe desse sugestões para o jornal que procurava renovar com gente que lhe imprimisse carácter. Falei-lhe de Eduardo Lourenço. Resposta:

— Tu és mesmo incorrigível! Vens sempre com os mesmos nomes como se ainda estivéssemos no tempo de *O Tempo e o Modo* e o tempo não tivesse passado. Para esse peditório já demos.

Efectivamente, foi *O Tempo e o Modo* uma das revistas que deu desde o primeiro ano, logo no n.º 6, a Eduardo Lourenço espaço e que teve a honra de ter Eduardo Lourenço como um dos colaboradores de maior destaque. Nas páginas da revista, Eduardo Lourenço, para além de se pronunciar com temas que vão do casamento a Deus, pronunciou-se sobre diversos artistas e diversas artes: sobre Agustina Bessa-Luís — o luminoso ensaio «Des-Concertante Agustina» —, sobre o que ele chamou «uma geração desenvolta» — os escritores que no final dos anos 60 começavam a aparecer parecendo anunciar um novo período —, na pintura — em ensaio sobre Vieira da Silva —, no cinema — sobre um festival de Nice, e particularmente Glauber Rocha, então

ainda desconhecido em Portugal —, enfim, em tudo isto e em muitos outros pontos essa colaboração foi capital. Digamos que os grandes colaboradores de *O Tempo e o Modo* nesse período, sem desdouro para ninguém, se chamaram Eduardo Lourenço e Jorge de Sena.

Anos antes conheci-o por mero acaso. Preparava uma tese sobre Kierkegaard, e o Padre Manuel Antunes, o nosso único pensador do século já passado cuja craveira se pode comparar à de Eduardo Lourenço, chamou-me a atenção para um ensaio chamado «Espião de Deus», publicado na *Heterodoxia*, esse livro singularíssimo que os anos 40 não souberam ou não podiam reconhecer (o livro é de 1949).

Até 1967, ano da *Heterodoxia II*, Eduardo Lourenço pouco publicou a não ser nas páginas de *O Tempo e o Modo* e em prefácios.

Foi em 1967 que o conheci pessoalmente quando, nos arredores de Paris, participámos ambos num colóquio organizado pela revista *Esprit*. Estava no auge a moda dos estruturalismos. Eduardo Lourenço seguia-a atentamente, mas em relação a essa corrente manteve-se tão heterodoxo como em relação às que já tinha conhecido e às que viria a conhecer. Curiosamente, foi o 25 de Abril, de que foi um dos mais lúcidos analistas, que lhe abriu também em Portugal um outro espaço e uma outra dimensão, com a publicação de *Os Militares no Poder*, *O Fascismo nunca Existiu* e depois essa psicanálise mítica do destino português, como ele lhe chamou, a que deu por título *O Labirinto da Saudade*.

É minha convicção, e peço desculpa a Eduardo Lourenço, que depois do Padre António Vieira ninguém como Eduardo Lourenço pensou Portugal com tanta lucidez e tanta originalidade. Muitos outros o fizeram, mas seguindo modas de momento, correntes de momento, ou doutrinas que eram do tempo, quer em França — Eça por exemplo — quer na cultura anglo-saxónica — Pessoa é um exemplo. Eduardo Lourenço, marcado embora e profundíssimamente, pela cultura francesa, soube escapar ao que ele próprio chamou (a propósito de Pessoa e de Eça) “*as apropriações bem sucedidas da mitologia cultural e do mundo tido como culturalmente superior*”. Não encontramos nele os dichotes à pátria ou o seu reverso, antes e ao longo das mutações fundamentais destes últimos 30 anos a nível mundial e a nível nacional, ele tentou aplicar-nos e aplicar-se a célebre máxima espinosiana mudando o humano por português». Se eu quiser sintetizar a relação de Eduardo Lourenço com Portugal diria

que o que ele nos ensinou e ensina há quase 60 anos é que para tudo o que é português não temos de rir nem chorar, não temos de nos exaltar nem indignar, mas tão só compreender. Muito difícil é compreender este país, e por isso mais difícil compreendê-lo com a serenidade e a lucidez de Eduardo Lourenço.

E termino com uma história que Eduardo Lourenço me contou em Paris, quando nos encontrámos, como disse, pela primeira vez pessoalmente. Eduardo Lourenço contou-me que tinha estado no ano anterior ou dois anos antes em Portugal, numa das suas episódicas visitas ao país, e tinha sido chamado à PIDE, para ser interrogado. Enfim, tensão habitual desses momentos, o inspector e o oficial de diligências, ou como se lhe queira chamar, que com dois dedos ia escrevendo à máquina o depoimento de Eduardo Lourenço. Interrogatório tenso, querendo saber de relações de Eduardo Lourenço, de pessoas com quem se correspondia, de cartas, de contactos que mantinha, enfim, uma situação difícil, e a certa altura o inspector por qualquer razão saiu da sala. Seguiu-se um silêncio e então o dactilógrafo levantou-se, foi à porta olhar com muita atenção, para verificar que o inspector não estava por ali, e dirigiu-se a Eduardo Lourenço, perguntando:

— Então o senhor vive em França? — Eduardo Lourenço respondeu-lhe que sim, naturalmente, e ele retorquiu:

— Parece que em França se ganha bem...

— Bom, depende dos casos, mas enfim ganha-se melhor do que em Portugal, isso é indiscutível.

O homem voltou à porta, voltou a olhar e depois regressou para junto de Eduardo Lourenço e disse:

— O Senhor, por acaso, não me consegue arranjar lá em França um lugarzito, porque isto aqui ganha-se mal?

— Isto só em Portugal podia acontecer. Ser interrogado por uma polícia que não era branda nem pêra doce, numa situação difícil, e de repente um dos agentes dessa mesma polícia a meter-me uma cunha para um emprego em França!

Rir, chorar, sim, mas compreender. E compreender que isto foi e, feliz ou infelizmente, continua a ser, Portugal.

Obrigado, Eduardo Lourenço.